

“O país tem que mudar de rumo”

REGINA ZAPPA

— O sr. voltou de Brasília esta semana convencido de que há vontade política no governo para combater a fome?

— O que senti no contato direto, ao olhar no olho, é que existe da parte do presidente essa consciência. Por outro lado, acho que ele tem a consciência dos dramas, dos impasses, das dificuldades da Presidência. Parece que ele começa a se dar conta das deliberações que não são cumpridas, das ordens não acatadas — de que o presidente não pode tudo. Percebi que ele sabe que as coisas não dependem só de vontade política, mas de todo um processo, de uma luta.

— Qual é o seu papel, a sua missão nessa campanha?

— É trazer para o governo e para a sociedade a seguinte questão: o Brasil tem hoje um terço da população em condições de viver, um terço que é muito pobre e um terço que está entre a pobreza e a indigência. Esta situação é insustentável. Sob qualquer ângulo. E o pior: esta situação se agrava. Ela é epidêmica. O crescimento da pobreza absoluta, da miséria, é epidêmico. Portanto, governo e sociedade têm que mudar o rumo do país, de todo processo econômico.

— A distribuição de feijão anunciada pelo governo não é apenas um paliativo?

— É só um primeiro momento. Não podemos distribuir feijão todo dia. O que se tem que distribuir, na verdade é emprego, terra, novas oportunidades, informação. A fome é a parte visível de uma questão muito mais profunda, que exige uma mudança fundamental de rumo. O Brasil tem que sair do rumo da exclusão. Sair da estabilidade para uns poucos para o desenvolvimento para a maioria. Dos oligopólios, da extrema concentração da riqueza, para a democratização da riqueza e dos recursos. Este é o programa.

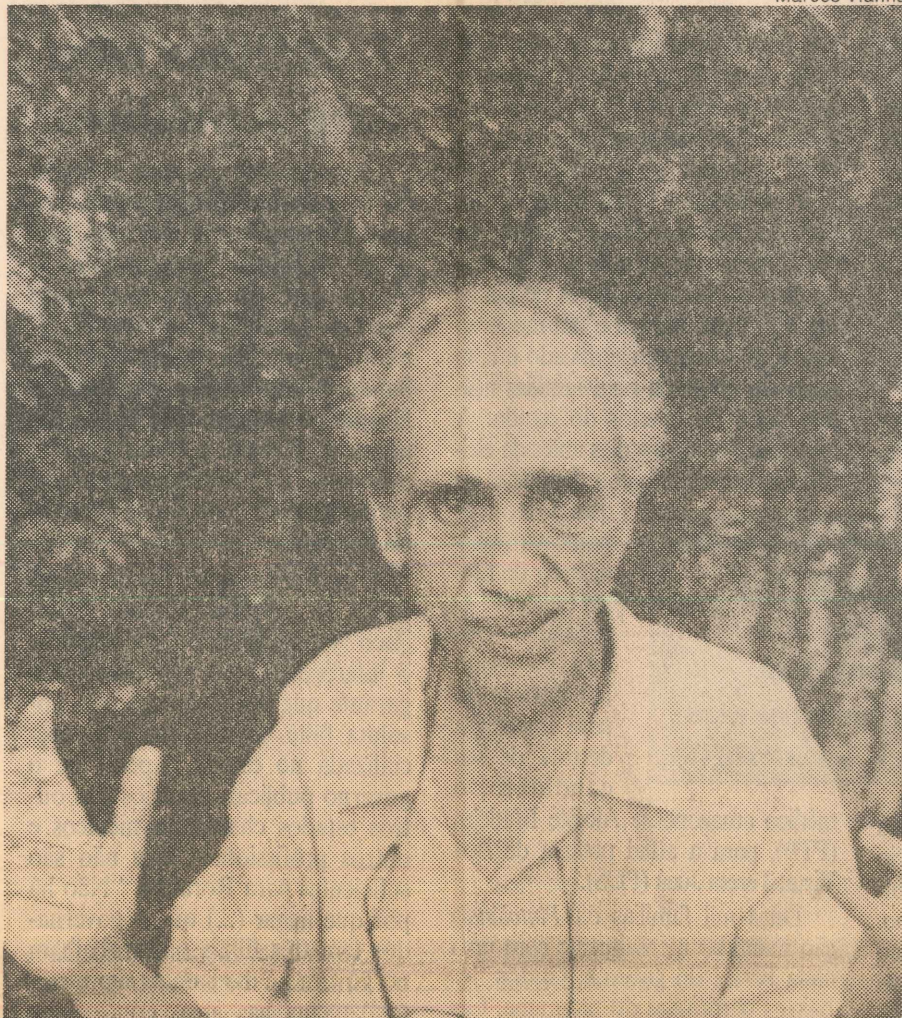
— E quais são os próximos passos?

— A criação imediata do Conselho de Segurança Alimentar e da Secretaria Executiva desse Conselho. No Brasil temos a mania de definir prioridades. Acho que isso não funciona. O que estamos propondo é que este plano seja a prioridade do governo, no sentido de que tudo gira em

■ *Betinho não pára. A sua sala no Ibase é o retrato do ativista que joga em todas as áreas da consciência nacional: cartazes da campanha de combate à Aids, do movimento pela democracia, da defesa da criança, um esboço do projeto do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e da secretaria executiva do Conselho, o novo campo de batalha do sociólogo Herbert de Souza. Na semana passada, Betinho levou ao presidente Itamar Franco uma proposta com linhas gerais para eradicar a fome no Brasil. Convenceu o presidente de que esta deve ser a prioridade número um do país, convidou Itamar para presidir o Conselho e voltou ao Rio, onde trabalha a todo*

vapor para mobilizar toda a sociedade em busca de uma solução que modifique a “situação insustentável” da fome. Ao telefone, discute com D. Mauro Morelli, bispo de Caxias, a estratégia de ação do Conselho. D. Mauro, que presidirá a secretaria executiva, é para Betinho figura indispensável nesse processo. “Ele vive em angústia permanente”. “O crescimento da miséria é epidêmico”, alerta Betinho. “Ou essa prioridade atravessa todos os setores da sociedade e do governo ou não vamos a lugar nenhum”. Para começar o caminho, Betinho propõe uma relação “politicamente nova”, onde sociedade e governo assumem a responsabilidade de colocar o país no rumo da felicidade.

Marcos Vianna



quatro vezes, estou disposto a doar para o país um milhão de sacas”. Eu peço a ele 24 horas para verificar nas capitais com os prefeitos quem vai receber a soja.

— E o interior?

— Daí se irradia a distribuição. Temos um estudo que está sendo feito no IPEA que é o mapa da fome. Na verdade, a bússola desse atendimento imediato à questão da fome é esse mapa: quem e onde. Na verdade, é o mapa da pobreza absoluta localizado por município, por região. Estou partindo da hipótese que esses bolsões estão em torno das grandes cidades — nas favelas, nas periferias das grandes cidades, incluindo São Paulo, Rio, Belo Horizonte —, e em algumas regiões do Nordeste, na população rural. Você tem uma grande pobreza urbana em torno das grandes cidades e uma grande pobreza rural isolada, que em geral se confunde com a zona seca, onde não há nem estradas — é a miséria sem o lixão. Porque aqui, na Baixada, ainda temos o lixão, mas no Nordeste, nem isso. De qualquer forma, eu faria isso através das cidades. Não mandaria para Brasília. O empresário já teria que entregar isso descentralizado com seus caminhões. Aí vai ter que entrar também a indústria para transformar essa soja, por exemplo, em macarrão, leite ou carne. A doação desencadeia todo um processo porque essa soja não pode apodrecer, ela é pública. E é aí que entra o papel da mídia. Nenhuma ação desse tipo terá sucesso se não for acompanhada, monitorada e fiscalizada pela mídia. Se essas condições existirem, o plano será um sucesso. Não acredito num plano essencialmente governamental. A história dos planos governamentais é a história de sucessivos fracassos.

— Como é que se mobiliza tanta gente, setores da sociedade tão diversos, enfim, como mudar a mentalidade das pessoas?

— Vejo três fatores. Primeiro acho que existe uma consciência cada vez maior na sociedade de que nós chegamos a alguns limites insuportáveis. Toda essa onda que houve ano passado sobre a questão da violência era uma consequência direta disso. Há uma consciência de que nós não podemos evoluir para viver em bunkers, principalmente quando eles são cercados por milhões. As classes dominantes podem

Solução

Não se pode distribuir feijão todo dia. O que se tem que distribuir é emprego, terra, informação

Verba

Se o governo abraça o combate à fome mas não consegue verba para merenda escolar, ele fracassou

Mobilização

Universidade, mídia, Igreja, empresariado: todos temos que transformar as ações em movimento nacional

Objetivo

O Conselho vai ser a consciência do país que mobiliza na direção da erradicação da fome e da miséria

— A criação imediata do Conselho de Segurança Alimentar e da Secretaria Executiva desse Conselho. No Brasil temos a mania de definir prioridades. Acho que isso não funciona. O que estamos propondo é que este plano seja a prioridade do governo, no sentido de que tudo gire em torno disso. O ministro da Fazenda tem que nos dizer como ele dará prioridade ao combate à pobreza. O mesmo com o ministro da Saúde. E esta prioridade tem que ser assumida fundamentalmente pelo próprio presidente. Por isso, propusemos que ele fosse o presidente do Conselho.

— **Como a sociedade pode cobrar a ação do governo?**

— A sociedade tem mil papéis. O primeiro é o de propor medidas. Estamos, por exemplo, propondo que a merenda escolar seja descentralizada. A merenda teve um papel fundamental no combate à fome junto às crianças. Tivemos uma reunião com membros do governo que nos disseram que se não houver uma medida urgente, em 30 ou 60 dias pode faltar dinheiro para a merenda escolar. O papel da sociedade é cobrar isso, porque a merenda não pode faltar. Do ponto de vista da sociedade é mobilizar a mídia, a universidade, a Igreja, o empresariado, as religiões, prefeituras. E perguntar: o que cada um pode fazer sozinho ou num tipo de parceria para enfrentar imediatamente o problema da fome? E como transformar as ações individuais em ação nacional? Eu só acredito nisso. Se até o fim do ano transformarmos todas essas ações num movimento nacional de erradicação da miséria no Brasil e de mudança de rumo, tudo o mais vai se compor.

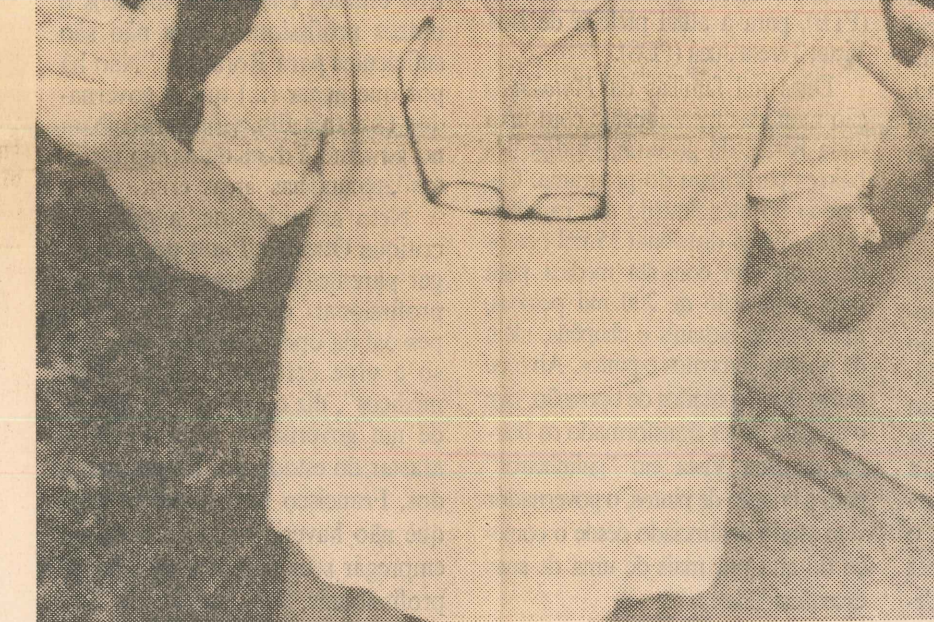
— **Qual é a primeira etapa desse movimento?**

— O primeiro passo na relação com o governo é elaborar nos próximos dias a proposta do Conselho e da Executiva. Feito isso, entregar essa proposta ao presidente. A idéia é que até o fim de março, o Conselho e a Executiva estejam instalados.

— **E de onde vêm as pessoas que vão compor o Conselho?**

— Alguns ministérios estariam representados no Conselho, como Bem-Estar, Planejamento, Exército, Economia e Trabalho. A política econômica tem que ter como prioridade erradicar a miséria. O Bem-Estar Social vai atender em emergência aquilo que a Economia não conseguiu. Os outros vão participar ativamente na solução estrutural da coisa. Por exemplo, a tarefa do Barelli (ministro do Trabalho) é propor a criação de empregos e política salarial. O que é mais interessante: dar a alguém uma cesta de alimentos ou um salário? O que estou querendo dizer é o seguinte: ou essa prioridade atravessa todos os setores ou não vamos a lugar nenhum.

— **O que o sr. está apresentando é um programa de governo, um projeto de país. O Conselho seria na realidade um governo paralelo com o próprio Itamar na presidência?**



— Não, porque não vejo o Conselho como um órgão deliberativo. Ele vai fazer propostas ao governo. E também, não tem condições de fazer deliberações junto à sociedade civil. O Conselho vai ser a consciência do país nessa direção. E fundamentalmente, ele mobiliza o governo, aperta a sociedade, aperta o governo. Critica um, critica outro. É um Conselho diferente, uma coisa que nunca existiu antes. Não é um pacto, é uma grande mobilização onde não há lugar para tergiversação. Por exemplo, se o governo diz que a prioridade é o combate à miséria mas não consegue arrancar a verba para a merenda escolar, isso significa o fim do Estado, ou o seu desmascaramento como um Estado do Bem-Estar Social.

— **O sr. está propondo uma relação nova?**

— Eu diria que estamos formulando um tipo de relação politicamente nova. Meu papel é o do cidadão comprometido com uma causa de tal ordem, de tal gravidade, que ninguém pode se furtar a isso. Seria uma demonstração de insanidade alguém dizer: “deixa o barco correr”. Só que esse barco é o Titanic e já tem muita gente afogada. Se considerarmos que há 24 milhões de pessoas em miséria absoluta ... Cinquenta e dois milhões de brasileiros estão vivendo abaixo da linha da pobreza. Acho que uma causa como essa muda rumo de governo sim.

— **O que importa é a resposta que eles darão ao problema?**

— Eu não estou preocupado com a orientação ideológica do Eliseu Resende (ministro da Fazenda). A minha pergunta para o Eliseu é só uma: o que o Ministério da Fazenda vai fazer para erradicar a miséria no Brasil agora? Se ele me responder honesta e concretamente que vai agir dessa e daquela maneira, para mim ele é um ótimo ministro. Se ele não entender essa pergunta, já é um péssimo ministro. Quero saber também junto às universidades brasileiras, que compromisso elas tem com a erradicação da miséria.

— **O Conselho terá então representantes do governo e de diversos setores da sociedade?**

— Estamos pensando em mobilizar setores que teriam de ter necessariamente um papel ativo nisso: as universidades, a mídia, marketing, centrais sindicais, Igreja, OAB, CNBB, empresários, enfim, fazer o perfil da sociedade civil.

— **O sr. falou em pedir a participação ativa do rei da Soja, Olacyr de Moraes. Como é que os empresários podem participar?**

— No caso dos empresários, a interpelação que quero fazer a todos é a da idéia de parceria. Uma das idéias, por exemplo, é formar uma parceria entre hotéis ou restaurantes e movimentos que trabalham com alimentação ou atendimento de crianças de rua para distribuir as sobras para quem tem fome e evitar o desperdício.

— **O Conselho seria responsável por essa articulação?**

— O Conselho promove, articula e anima, mas não centraliza. Não acho que devamos criar um protocolo para tudo. Acho que as coisas têm que se dar a nível do real. É aí que eu gostaria de fazer essa interpelação aos empresários brasileiros, principalmente a aqueles que chamamos os reis disso ou daquilo, para saber se monarquia vale para alguma coisa. Para eles, sei que vale. Quero saber se vale para a sociedade. O Olacyr, conhecido como rei da soja, é um dos maiores produtores de soja do mundo. A soja que ele pode doar por ano para um programa desse poderia perfeitamente erradicar a fome de milhares de brasileiros. E ele não ficaria um centavo mais pobre por causa disso.

— **Como o Conselho fará esses alimentos chegarem a seu destino certo?**

— O caso do feijão doado pelo governo às prefeituras foi interessante. Temos a Cohab, o Exército que ajuda no transporte, a prefeitura que recebe, o Banco do Brasil e outros órgãos que participam da coisa como representantes da sociedade. Mas suponhamos que o Olacyr me telefone: “Ah Betinho, você já me citou umas três ou

limites insuportáveis. Toda essa onda que houve ano passado sobre a questão da violência era uma consequência direta disso. Há uma consciência de que nós não podemos evoluir para viver em bunkers, principalmente quando eles são cercados por milhões. As classes dominantes podem ir para Miami, sei lá, mas para continuar a viver aqui, você tem que levar o país a sério.

— **E os outros fatores?**

— A outra coisa é que existe uma consciência ética — é ela que explica o *impeachment*, portanto não estou falando de uma utopia, mas de uma manifestação real — de que desenvolvimento não é uma coisa abstrata. Que a sociedade existe para gerar a felicidade das pessoas. Que os economistas estão em baixa na nossa cultura. Isso significa o crescimento de uma consciência ética que já tem consequências sérias na política e na economia. O terceiro fator é que já existe um conjunto de iniciativas concretas de mudança, ou de atendimento ou de solidariedade, que se manifestam mas que são desconhecidas ou muito localizadas. Uma de nossas funções seria jogar luz sobre isso. Há momentos em que a sociedade é obrigada a fazer determinadas coisas. Acho que uma parte da sociedade brasileira já está conseguindo se olhar no espelho, mas outra ainda não tem coragem.

— **Para que esse movimento que o sr. está liderando deslanche até que ponto é preciso que as pessoas confiem no governo?**

— O ideal é que esse movimento tenha sempre um presidente no máximo de sua popularidade, mas isso não passa também de uma certa idealização. Eu gosto muito da utopia, mas não gosto de ser ingênuo. Não tenho crença em governo, nem sou estusiasmado com ação governamental. Eu sou não governamental. Mas acho que, por causa da crise, não há como qualquer governo ignorar isso. O presidente disse que está comprometido com isso. Ótimo. Mas minha aposta está no movimento social. O que formos capazes de fazer em cada cidade é que vai definir o sucesso do movimento. O Planalto é parte importante no assunto, mas o decisivo é a planície.

— **O sr. vai começar a agir mesmo antes de o Conselho ser instalado?**

— Costumamos dizer que quem tem fome tem pressa. Não tem sentido esperar um mês para distribuir leite ou feijão se as pessoas têm fome agora e se podemos começar a agir já. O leite pode ser distribuído através da merenda escolar e há, por exemplo, um projeto do Ministério da Saúde que já está pronto, segundo o qual o médico prescreve o remédio e o Posto de Saúde dá um copo de leite para crianças e mulheres grávidas. Uma vez fizemos uma pesquisa no Nordeste e ficamos perplexos ao perceber que um copo de leite faz toda a diferença: a inexistência desse copo de leite pode significar a morte, o nanismo ou a deformação física.

Ministro

Não estou preocupado com a orientação ideológica do Eliseu. Se ele agir nessa direção, ele é ótimo

Mentalidade

Contamos com a consciência cada vez maior da sociedade de que chegamos a limites insuportáveis